

À Biblioteca Pública de

Braga

TRIBUNA LIVRE**19
MAIO
1962****SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES**

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 — **AMARES****Instalação das Repartições Públicas e dos Serviços da Justiça**

Discute-se já acaloradamente como devem ficar instaladas as repartições e serviços públicos, agora que com a criação da Comarca o assunto, já grave, se veio ainda complicar muito mais.

Embora só a Ex.^{ma} Câmara tenha de ditar o futuro, atrevemo-nos a vir esclarecer a opinião pública e também dizer o que nos parece viável e de bom senso, já que toda a gente fala.

O actual edifício dos Paços do Concelho, deve ser reparado e reformado de forma a ali ficarem decentemente instalados os serviços administrativos e fiscais.

Não faz qualquer sentido que a Câmara não tenha um salão de sessões condigno, com entrada própria, mas sim que vivam os serviços e funcionários amontoados, alguns até em casas estranhas, e a entrada para a sala de honra dum município se faça através dum corredor muito escuro, para o qual se saia das retretes, etc. etc. Toda a parte superior do edifício é pouca para os Serviços Administrativos, onde deve ficar a tesouraria, aferição, serviços municipalizados e de engenharia, estes últimos sem qualquer instalação própria. Além disso ainda ficam

por fora, em casas alugadas, os Registos Civil e Predial e Notário.

Os serviços judiciais devem ficar instalados na Rua Sá de Miranda, onde há edifício que oferece todas as condições, e na mesma parte da Vila há casas para Magistrados e todas as condições para a regular instalação dos serviços.

Razões — a primeira já foi dita e refere-se à necessidade absoluta que o Mu-

nicipio tem de instalar convenientemente os seus serviços de forma a deixarem de ser motivo de escarneo as suas miserimas instalações, sala de visitas onde tem de ser recebidas todas autoridades, etc.

A segunda e principal é a instalação dos serviços judiciais que devem ser agora localizados na Rua Sá de Miranda, embora provisoriamente

(Continua na 4.ª página)

O DEVER DA RESPOSTA

Quando as pessoas com certo grau de cultura e de civilização não podem ir pessoalmente tratar dos seus assuntos, enviam junto dos interessados os seus representantes, que podem ser outras pessoas ou até uma mera carta, um simples bilhete ou um qualquer telegrama.

E é esse grau de cultura e de civilização que exige que recebamos sempre com gentileza todos os que precisam de se nos dirigir quer o façam pessoalmente, quer nos enviem as suas missivas.

E do mesmo modo que

seria deselegante deixar sem resposta uma pergunta que nos fizessem com elementar delicadeza, também não se compreende que não se tenha o mesmo cuidado com a carta, o bilhete ou o telegrama, visto que qualquer destes singelos elementos de correspondência representa, afinal, um ser humano, isto é, cristãmente considerado, um irmão.

Pode essa irmandade ser mais ou menos relativa, mas sempre que estamos na presença de um homem devemos fazer todo o possível para o respeitar. A firmeza da atitude que porventura tenhamos de tomar com ele, não deve excluir de nenhum modo aquele mínimo de bondade e de compreensão que

(Continua na 5.ª página)

COMARCA DE AMARES**Agradecimento ao snr. Ministro da Justiça**

Conforme já havíamos noticiado e com a presença do ilustre Governador, foi recebida pelo Senhor Ministro da Justiça uma comissão concelhia de que faziam parte o Senhor Presidente da Câmara Dr. Eduardo Gonçalves, Vereadores P.^o Albino José Fernandes Alves, arcipreste de Amares, e Paulo Barbosa de Macedo, bem como os Senhores drs. Avelino Silva, Manuel Arantes Rodrigues, João Arantes Rodrigues, Carlos de Sousa e Aristides Maranhães António Gonçalves e Luiz Arantes Rodrigues, com a presença dos ilustres deputados pelo círculo, Doutor Nunes de Oliveira, comendador António Maria Santos da Cunha, Dr. Borges Araújo e Engenheiro Alberto Costa, que até ali se dirigiram para agradecer a Sua Excelência o Senhor Ministro, a restauração da Comarca de Amares.

Depois dos cumprimentos do estilo usou da palavra o Senhor Presidente da Câmara que disse:

«Os meus respeitosos cumprimentos e os de todo o Concelho que eu com a maior satisfação trago e transmito a V. Ex.^a».

Além desta saudação simples e cordial somos também portadores do seu regosijo e da sua gratidão que gostosa-

mente faço sentir a V. Ex.^a pela restauração da nossa Comarca.

A sua restauração foi, Senhor Ministro, um acto de justiça por V. Ex.^a praticado e tão grande, e em tanta consideração tomado, que ficará

(Continua na 4.ª página)

Comentários**Hora de grandes possibilidades**

Nunca houve uma oportunidade como a de agora para sanar as desinteligências entre as duas partes da Vila. Com uma só decisão pode ao mesmo tempo ser-se justo, humano e político.

Justo, porque a tendência é fazer com que os órgãos dirigentes se situem na parte mais importante, neste caso indiscutível comercial, industrial, social e politicamente Humano, porque não está certo que por três se prejudiquem trinta, que se criem privilégios para uma parte de um todo, mas a parte que por falta de actividade e de esforço construtivo se deixou cair num atrazo conflagrador. Político, porque a divisão de serviços teria de acarretar o compromisso de que cada um se absteria de novas mudanças, acabando com o ambiente de incerteza que gera desconfianças e lutas.

Contra isto só podem ser aqueles a quem o ambiente de incerteza interessa para cultivar adeptos ou, como acontece, às oposições que têm assim um motivo de se infiltrarem no arraial nacionalista, conseguir protecções e poder combater com êxito.

Se se não atender a estes factores na instalação dos serviços judiciais que tem de fazer-se imediatamente, tere-

(Continua na 4.ª página)

UM QUADRO

Em Braga, em comissão, umas senhoras,
(Da melhor sociedade que ela tem,) foram ou são as organizadoras
Duma dança das Rosas... Muito bem.

Nada diria aqui, nem em família
Se não notasse a data dos bailados:
Doze de Maio! noite de vigiãlia
Peregrinos em Fátima ajoelhados!

Nos salões dum teatro às mesmas horas
Umas tantas meninas e senhoras,
Talvez bem decotadas, a bailar...

E nas terras d'Angola tão distantes
Nossos bravos soldados, vigilantes,
P'ra bem de Portugal a batalhar!

UERBA

«O BOM PASTOR»

Palavras de abertura da festa, na Amadora proferidas pelo nosso colaborador D. M. S.

(Continuação do número anterior)

— E é só essa a sua oração?

— E haverá alguma coisa que encha mais e melhor o coração do homem. «Pai Nosso» exclamou o pobre ancião.

— Depois de pronunciar estas palavras, recolho-me. Ao ver os rebanhos que voltam dos campos para nos

dar o leite; e o Sol que se levanta e esconde sobre o vale, bendigo o calor que faz crescer a erva das planícies e os frutos dos campos. Então, sinto bem que a minha oração é verdadeira — «Pai Nosso!»

— E que faz no inverno?

— Observo o Céu. Vejo as grossas nuvens que espalham, cá e lá, a chuva e os

(Continua na 6.ª página)

TRIBUNA AGRÍCOLA

CONSELHOS PRÁTICOS

Aos avicultores

O aparecimento de ovos com casca mole é um problema que muitas vezes se apresenta ao avicultor.

Sempre que isso aconteça é de pensar que a ração se encontra carenciada em cálcio ou em Vitamina D. Nestas circunstâncias adopte entre outras, as seguintes medidas: rever a relação cálcio-fósforo da ração, colocar à disposição das aves farinha de casca de ostra e, quando estiver bom tempo deixar sair as aves para os parques a fim de que beneficiem da acção dos raios solares.

* * *

Os visitantes são, muitas vezes, os transportadores de graves doenças para o interior das explorações avícolas. Por isso, só permita a entrada no seu aviário às pessoas cujos sapatos foram previamente desinfectados.

Coloque à entrada do aviário uma entrada a pessoas estranhas».

Não basta produzir: é preciso vender e vender bem. Por isso, antes de se instalar uma exploração avícola há que averiguar das necessidades e preferências dos mercados e produzir de acordo com elas.

Aos bovinicultores

Um bovino leiteiro doente com qualquer doença contagiosa pode, em pouco tempo, propagar a doença ao restante efectivo de toda a vacaria.

Portanto, antes de mais nada assegure-se do bom estado sanitário do seu efectivo leiteiro, inscrevendo-o na Campanha de Saneamento de Bovinos leiteiros, na Intendência de Pecuária da sua área.

* * *

A Febre Vitular é uma grave doença que aparece nas vacas, quer 2 a 3 dias antes do parto, quer até 15 dias depois.

Sempre que, durante este período, verificar que um animal fica deitado, incapaz de se levantar, suspeite da Febre Vitular e procure tratá-lo imediatamente, não com remédios caseiros que nada fazem, mas com os medicamentos apropriados. Qualquer demora no tratamento pode representar a perda do animal.

* * *

Sempre que uma vaca aborte, nos últimos meses da gestação, suspeite da Brucelose, grave doença dos bovinos. Tanto as vacas abortadas, co-

mo as secundinas, constituem um perigoso foco de contágio para os restantes animais. Em casos desta natureza consulte um técnico veterinário e, não podendo fazer imediatamente, isole o animal que abortou e queime ou enterre profundamente os despojos do aborto depois de cobertos com cal viva. Finalmente, retire o estrume e desinfecte cuidadosamente as instalações e utensílios da vacaria.

Aos cunicultores

Os alimentos dos coelhos não devem ser colocados no chão a fim de evitar que se conspurquem resultando daí um desperdício, pois que os animais rejeitam os alimentos em tais condições. É conveniente, portanto, usar comedouros.

* * *

A exploração de coelhos é fácil e rendosa, mas exige certos cuidados. Por exemplo, na cobrição das coelhas, não mea à jaula do coelho e não o inverso, tendo o cuidado de pegar o animal pela pele do dorso e não pelas orelhas, como habitualmente se faz.

* * *

É frequente observar-se no fígado dos coelhos umas pequenas vesículas contendo uma substância aquosa, às quais o povo vulgarmente chama «bó-lhas». Trata-se, seguramente, da Cisticercose, enfermidade transmitida pelas fezes dos cães. Evite dar erva conspurcada por fezes destes animais e, se tiver alguns, desparasite-os periodicamente.

Aos ovinicultores

A lã é um produto facilmente alterável quando mantida em condições inadequadas. Para conservá-la, guarde-a logo após a tosquia, num alojamento bem arejado mas sem correntes de ar, bem iluminado pelo sol, e nem muito seco nem muito húmido, tendo o cuidado de distribuir a lã em pilhas fofas, separadas entre si, e com altura não superior a 2 m.

Lembre-se que, uma armazenagem mal feita, pode estragar aquilo que levou um ano a criar.

O Torno ou Vágado, é uma doença sobejamente conhecida dos criadores de ovinos pois poucos serão aqueles que não tenham já observado, no seu rebanho, as correrias das chamadas «ovelhas doidas, ovelhas tontas», que são, afinal, animais atacados por aquela doença.

São os cães que propagam

a doença. Combata-a, desparasitando periodicamente estes animais e não lhes dê a comer cabeças de animais que tenham morrido com a doença.

* * *

Acabe com o nocivo hábito de fazer desenhos no corpo dos animais, durante a tosquia.

Procure fazer o corte bem rente à pele e sem deixar «escalas». Quanto mais rente e perfeito for o corte, mais se aproveitará a lã e melhor crescerá no ano seguinte.

Aos vaqueiros

O banco do ordenhador deve estar sempre bem limpo a fim de evitar que aquele, ao pegar-lhe, quando passa de uma para outra vaca, suje as mãos e conspurque o leite.

Para evitar este inconveniente, o melhor será o ordenhador utilizar um banco que se mantém suspenso à cintura por intermédio dum cinto, desde o início até ao fim da ordenha, dispensando assim a necessidade de pegar-lhe constantemente.

* * *

Caso utilize na sua vacaria a ordenha mecânica, tenha o cuidado de, após a ordenha, retirar cuidadosamente os chupadouros, pois que, quando puxados brutalmente, distendem e traumatizam os tetos, podendo inutilizar os animais para o resto da vida.

* * *

Embora a temperatura ideal para conservar o leite se situe entre dois e quatro graus C., quando a ordenha for realizada higiénicamente e o leite recolhido em recipientes devidamente lavados e desinfectados, o produto conserva a maioria das suas qualidades iniciais a temperaturas situadas entre 15.º e 18.º C.. Quer dizer que, mergulhando as vasilhas contendo o leite, num tanque com água o mais fria possível, já se consegue prolongar o período de conservação do referido produto.

Aos criadores em geral

A criação e exploração de animais domésticos, produtores de bens de consumo, constituem actividades fáceis e rendosas quando racionalmente conduzidas, e que estão ao alcance de todos.

A avicultura, por exemplo, é um dos ramos que, por dispensar grandes despesas iniciais e grandes espaços de terreno, pode ser praticada por toda a família, quer rural, quer urbana.

Se não é avicultor experi-

A Febre de Malta

e sua importância

A Febre de Malta é uma grave doença infecto-contagiosa que dos animais se transmite ao homem.

Grassando principalmente nalgumas zonas ao Norte do Tejo, ataca sobretudo as espécies caprina, bovina, suína e ovina, nas quais provoca elevadas perdas económicas.

A sua transmissão de um a outro animal faz-se através da cobrição, urina, leite, fezes e alimentos contaminados por animais infectados. A transmissão à espécie humana realiza-se, quer directamente durante a ordenha, operações do parto, etc.—visto que o agente causador da doença penetra através da pele das mãos e das mucosas ocular e nasal não necessitando da existência de feridas, como acontece para outros micróbios—quer indirectamente mediante a ingestão de produtos fornecidos pelos animais, tais como leite cru ou insuficientemente fervido, e ainda queijo fresco e natas. Daqui a necessidade de só beber leite depois de demoradamente fervido, sempre que não seja pasteurizado, e só comer queijo curado, a não ser que este, quando fresco, provenha de animais reconhecidamente sãos ou o leite utilizado no seu fabrico seja pasteurizado.

A Febre de Malta reveste-se, pois, duma alta importância, simultaneamente económica e social. Económica, pelos consideráveis prejuízos que causa expressos na acentuada mortalidade das crias e quebras na produção leiteira; social, pelos seus reflexos na saúde pública já que se elevam a centenas e centenas as pessoas

mente a criação de aves.

* * *

A eficiência económica duma exploração agro-pecuária não pode ser medida pelo volume das produções finais, visto que nem sempre às maiores produções correspondem os melhores resultados económicos.

Por isso, antes de qualquer alteração ou inovação impõe-se saber se há ou não vantagens económicas em a fazer.

* * *

Os velhos métodos de exploração das actividades agro-pecuárias são incompatíveis com o progresso dos tempos modernos.

Saber mais, para poder produzir mais e melhor, e ao mais baixo preço, é uma necessidade imposta pelas circunstâncias aos homens do campo dos nossos dias. Aprenda e aplique os novos métodos da exploração agro-pecuária.

que anualmente são vítimas de semelhante doença, com a agravante da sua cura ser difícil, cara e demorada e nem sempre complementarmente possível.

Pelo que fica exposto se conclui que a luta contra esta doença é um dever que se impõe a todo o cidadão. Para cumprir esse dever basta que os animalicultores colaborem com as autoridades sanitárias executando as instruções pertinentes, e os consumidores adoptem as devidas precauções relativamente aos produtos a que atrás se fez referência.

Não esqueça que...

—O leite deve ser guardado em local fresco e ao abrigo da luz e das poeiras;

—A lã deve ser armazenada em locais limpos, bem arejados mas sem correntes de vento nem muito secos nem muito húmidos e bem iluminados pela luz do dia;

—Durante o tempo que as aves devem dispor de água limpa e fresca e de sombra para se abrigarem do calor;

—A carne e os despojos de animais mortos com carbúnculo não devem ser dados a cães e suínos;

—Os olhos brilhantes, transparentes e húmidos, são características dos peixes frescos;

—Os coelhos devem estar convenientemente abrigados do vento e da chuva e em local isento de humidade e bem arejado;

—Os estábulos devem ser bem arejados mas sem correntes de ar;

—A verdura desempenha um papel fundamental na alimentação das gemas dos ovos;

—Para evitar o aparecimento de mamites deve lavar e desinfectar os tetos e as mãos antes de começar a ordenha;

—Ao escolher os ovos para incubação deve rejeitar todo aquele que apresente contaminação anormal;

—Só deve comprar produtos que ofereçam garantias sanitárias e qualitativas;

—O desperdício da ração representa elevados prejuízos;

—Os patos dão bons resultados quando racionalmente explorados;

—Não deve dar água demasiado fria aos bovinos leiteiros.

TRIBUNA do CONCELHO

CARTA DE LAGO CAIRES Notícias para Angola

***** Aos amigos de perto e de longe *****

Começo por desejar-vos óptima saúde, boas ideias, muito dinheiro e a paz do Senhor.

Festa do Senhor da Saúde

No dia 15 do próximo mês de Julho teremos a festa mais soene e tradicional de Lago. Julgo que nenhum ausente esquecerá a sua festa do Senhor da Saúde. Digo «sua» porque, se todos os cristãos devem celebrar e honrar o Senhor que nos deu a existência e os meios para conseguir a saúde da alma e do corpo, muito mais nós por termos aqui uma imagem e capela dedicada a quem é realmente o Senhor da vida e da morte da doença e da Saúde. Conheço imagens do Senhor crucificado com invocações como: Senhor da Boa Morte, Senhor das Chagas, Senhor dos Aflitos, etc; etc. Mas, com invocação de Senhor da Saúde só em Lago. Pode ser que haja mais... Contudo, não oculto a minha ignorância. Estou, porém, convencido de que a esta invocação é uma das que mais convém a aquele Senhor que deu vista aos cegos, ouvidos aos surdos, força e agilidade aos coxos, limpeza aos leprosos, vida aos mortos, arrependimento perdão e santidade aos pecadores! Deu saúde e vida aos corpos e às almas.

Pois a festa do Senhor da Saúde em 15-7-1962, terceiro domingo de Julho e seu dia tradicional, vai ter solenidade excepcionalmente brilhante. Durante nove dias diversos actos religiosos três músicas, lindos andores e gran-

dioso bazar chamarão a Lago muitos dos devotos do Senhor da Saúde e curiosos, todos, sem dúvida, na melhor das intenções para invocarem o Senhor da Saúde que nos pode trazer a paz ao Portugal Europeu e Ultramarino. A paz é a tranquilidade na sociedade e nas consciências. É o melhor bem que podemos desejar.

Ausentes em Lago

Tive o prazer de cumprimentar, há semanas, o Senhor Joaquim Soares Vieira que, há dezenas de anos, trabalha no Brasil. Há dias pude também cumprimentar e conversar um pouco com outro ilustre português de Lago no Brasil, o Senhor Álvaro Soares Vieira. A eles e família e a seus bondosos pais deseja este pobre de Cristo vida longa e muitas felicidades.

Desastre

No sábado, 12-5-62, o Senhor António José Alves, do lugar do Techado teve um desastre de bicicleta pelo que teve de recolher ao Hospital de São Marcos, de Braga. Embora grave o seu estado não é desesperado. Julgo que brevemente estará junto de nós e muitos são os que desejam a sua rápida cura.

Correio

Ainda estamos sem distribuidor do correio e não vejo quando o teremos. Há dias recebi 2 cartas que estavam no correio há dias. Quem sabe em que dia chegam.

Saudações do vosso
J. Moreira

Mês de Maria

O mês de Maio, que todos os dias é feito às 20 horas tem sido sempre muito concorrido e não temos esquecido as orações pela Pátria e pelo Concílio Ecoménico. Paz e Glória.

Noivas

Dentro em breve vão contrair matrimónio em Caires, Maria Custódia Correia da Silva, Maria Alice da Silva e outras; e na cidade de Lisboa, a gentil e prendada menina Maria de Fátima de Almeida Borges, enfermeira Diplomada da Capital. Felicidades e Bem estar.

Agricultura

O tempo está óptimo e os nossos lavradores estão contentes com a nasença do vinho, sobretudo, o Vinhão: o borraçal está raro, mas é bem tratado. Os nossos laranjais também estão satisfatórios, e a laranja tem sido muito procurada.

De visita

Deram-nos o prazer de suas muito estimadas visitas os Rev. dos Padres Borda e Moreira da Silva, do Seminário de Braga, o Senhor Leite, fiscal das Obras Públicas, e o Senhor Alberto Ferreira Alves, célebre comerciante de Montalegre. Gratos.

Aniversários natalícios

No passado dia 15 festejaram os seus jubilosos aniversários natalícios os Senhores Domingos Antunes de Almeida com sua estremecida filha Maria de Fátima, residentes em Luanda (C. P. n.º 727.) e no dia 17 o Rev. P.º António Firmino Loureiro Figueiredo, benquista Abade de Valdozende, e hoje, P.º José Pereira de Castro, Francisco José Brandão, residente no Brasil, e o nosso velho amigo Adelino António Vieira Cairenses, motorista em Lisboa, e amanhã, Domingo, a Senhora D. Maria Belmira Rebelo Batista, Distinta proprietária do lugar do Paço e o nosso velho e alegre colega P.º Acácio, de Monsul. A todos, uma lua cheia de bem estar e longa vida.

C.

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

Visado pela Censura

Está na ordem do dia a preocupação do governo em resolver os vastos problemas dessa extensa província sem poder dar por terminados os da Metrópole. A herança é pesada e triste. Pesada porque todos nos sacrificámos; Triste porque nos envergonha a acção desenvolvida e continua a querer desenvolver-se para estorvar a marcha de progresso que desde 1926 se vem manifestando em todos os sentidos para se legar às gerações futuras uma Nação preparada para todas as contingências.

Devemos perdoar às juventudes as suas tolices e atrevimentos porque também já fomos novos e fátuos. Mas pedimos moderação nos seus excessos de injustiças. Mo-

De Caldelas

A Estrada Nacional entre Caldelas e Terras de Bouro carece duma grande reparação.

Caldelas 13 — A via principal que dá acesso á sede do vizinho concelho de Terras de Bouro e liga este com estas Termas e a capital do distrito está a necessitar duma grande reparação, tal é o estado em que se encontra cheia de covas e com curvas apertadas que bem poderiam ser desfeitas.

A esta Estrada Nacional, está reservado, no futuro, um grande movimento, pois a sua importância turística e até comercial, servindo um mercado dos mais importantes do Norte e ainda a ligação que pode fazer entre Caldelas e Gerês e possível ligação futura com a Espanha, passando por óptimas paisagens que muito fazem lembrar a Suíça.

Torna-se absolutamente necessário uma grande reparação, pois não faz sentido dada a sua grande importância, estar no estado em que está.

C.

Elísio Gonçalves

AUTO-RETRATO

Alta, graciosa, de cabelos pretos,
Olhos castanhos, delicada a cinta!
Tem a figura da mulher Distinta,
Bem contornada em feminis aspectos.

Dos lábios médios, virgens, nacarados,
Pende um sorriso de meiguice extrema!
Os seios perfumados d'alfazema
Foram dois niveos sonhos modelados!

Eis no soneto retratada a B'leza
Da mais suave e meiga singeleza
Por quem se apaixonára um coração!

O gracioso ser que se ocultava,
O grau de b'leza onde a bleza acaba
E o mais belo dos nomes: ASSUNÇÃO!

Gota d'Orvalho

SALVÉ 21-5-62

Passa mais um aniversário natalício, na próxima segunda-feira, dia 21, o nosso estimado amigo e assinantes deste Semanário Snr. Armando de Macedo Martins, que em terras Brasileiras labuta pela vida, na esperança de um futuro melhor.

Por tão faustosa data seus pais e irmãos fazem votos que esta se prolongue por intermináveis anos.

Como não podia deixar de ser, «Tribuna Livre» igualmente deseja ao ilustre aniversariante, uma vida longa cheia de felicidades.



Armando de Macedo Martins

Instalação das Repartições Públicas

(Continuação da 1.ª página)

te. A Camara deve providenciar pela sua instalação definitiva na parte nova da Vila, afim de banir de uma vez para sempre as desavenças entre as duas cabeças da Vila. Se cada uma ficar com um dos Serviços definitivamente instalados não mais haverá lugar a decisões. De contrário a situação agravar-se-á todos os dias, pois a Feira Nova, muitas vezes mais importante e em grande progresso não parará enquanto lhe não derem um destes serviços, alguns dos quais já foram, seus e, até lá, muito há a perder. Não se pode pensar por muito tempo na construção de novos Paços do Concelho tal o estado financeiro da Camara.

Satisfeitas as duas terras elas poderão num futuro dar-se as mãos, assim nunca é possível fazer nada.

A nossa Camara não pode deixar passar este momento oportuno de criar as condições necessárias ao futuro bem estar político do concelho, assim como não pode também consentir que se venham acumular erros e arranjos que só tem vindo a prejudicar o Município, a fazer obras de urgente adaptação para isto, hoje, para aqui, amanhã, sem quaisquer perspectivas no futuro, sem nenhuma visão das necessidades futuras.

Ontem, foram gastos 80 contos sem participação do Estado, para acudir aos serviços administrativos e lá se fizeram quatro cubículos sem geito. Depois foi preciso arranjar uma tesouraria e lá se puseram fora de casa os serviços dos Registo Civil e Predial.

Hoje, pretendem-se mais arranjos, cubículos, um maranhado confrangedor, um casarão sem cortes nem alçado. Gastar mais dinheiro ali para cada vez acumular mais? Uma Camara responsável não pode nem deve tulerar isso.

Temos a certeza de estar dentro da razão, no que se refere à parte instalações e à parte política nem vemos mesmo onde alguém possa ir buscar qualquer argumento convincente do contrário, e estes dois factores são os de peso e que por princípio nenhuns devem ser abandonados, mas existem muitos outros que justificam a descentralização e que já foram tratados neste jornal.

Quando a Câmara quiz obstar à construção da escola de Amares, naquele local e pretendia que ela fosse feita a meio da Vila, tinha feito um estudo sério, a Vila ficaria com 3 núcleos de escolas: uma na Feira Nova, uma ao centro (mas em Amares) e outra em Amares.

Moveram-se influências políticas, armaram-se em vitimas da nova Câmara os de Amares. O Município cedeu, e três erros tremendos ficaram a pesar no passivo da Camara: um encargo para a Camara de 130 contos, já veio a conta —, uma escola que ficou e está devoluta, e o centro da Vila sem escola. Amares, que pelo projecto da Câmara teria 4 professores, ficou com 2.

Destes erros ou parecidos a Camara não deve mais cometer, sob pena de denegrir a sua tão importante obra material.

Pelo contrário, se neste momento, conseguir a Camara que os serviços da Justiça e os Administrativos fiquem divididos pelas duas partes da Vila, trará para o seu activo a maior obra de sempre, porque com ela trará sem dúvida a paz para os dois povos, que assim poderão caminhar juntos para uma vida de entendimento.

Ninguém mais tinha o direito de andar a pensar na deslocação de repartições, a parte antiga não diria mais que lhe querem tirar tudo.

Condições de Assinatura

Continente

Ano	50\$00
Semestre	25\$00

Ilhas

Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco,—ano	60\$00
Semestre	30\$00

Brasil

Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00

Estrangeiro

Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

Hora de grandes possibilidades

(Continuação da 1.ª página)

mos a maior reacção e excitação de sempre.

A Vila tem os seus órgãos responsáveis, são esses que devem ser ouvidos e decidir, isto se não quiserem entregar o caso única e simplesmente a quem cumpre localmente, o que seria melhor. O facto de um mais atrevido ou de algum pescador de águas turbas aparecerem não significa que representam sector que importe.

A Vila tem duas Juntas de Freguesia, duas Casas do Povo, a Santa Casa da Misericórdia, Associação dos Bombeiros, este jornal, duas comissões locais da U.N., dois grupos desportivos, a «Sopa dos Pobres», a Legião Portuguesa, O Crédito Agrícola, o Grémio, A Comissão de Assistência, a que poderia juntar-se um representante do comércio e outro da indústria a designar pelos interessados. Reunindo um representante de cada um destes organismos ter-se-ia uma opinião séria e certa do que pensa e quer a Vila.

Isto representaria uma desilusão para os que se põem em pontas de pés, a quem não convirá. Mas seria a a condução das coisas para o lado recomendável, imposto pela quase totalidade, o caminho para a única maneira de apaziguar para sempre. O contrário lançará o Concelho em muito mau caminho. Não-de vê-lo.

Vejo alguém se pode responder a isto: se há uma parte indubitavelmente maior em todos os aspectos, se essa parte pede uma divisão de serviços dando a preferência da escolha à outra parte, se essa divisão pela cedência de novos aposentos melhora a precária situação actual, se assim o entendessem os órgãos representativos da Vila, se daí viesse também o compromisso de que não mais se pensaria em transferências, não estaríamos perante um grande e transcendente acto da melhor política?

COMARCA DE AMARES

Continuação da 1.ª página

indelévelmente gravado na nossa alma.

A existência duma Comarca, sabemos-lo todos, imprime carácter e dá categoria ao Concelho a que pertence, isto pela nobreza e grandiosidade da justiça.

Com a medida sensata e justa por V. Ex.ª tomada, foi o nosso Concelho guindado à posição perdida: readquiriu os pergaminhos de Comarca.

Aqui está, além doutras razões que objectivamente por V. Ex.ª foram avaliadas e tomadas em linha de conta para a restauração da nossa Comarca, a dos nossos agradecimentos já firmados.

Era nosso desejo ardente oferecer aposentos condignos para os Serviços Judiciais, não esquecendo as casas para os Magistrados.

Infelizmente é para nós impossível atingir a meta das nossas aspirações, por falta dos recursos, necessários.

Mas estamos empenhados e faremos na medida das nossas possibilidades por prepará-los com a maior urgência possível e que oportunamente comunicaremos superiormente.

Desta série de considerações nasceu em nós uma segunda aspiração e que pedimos autorização para transmitir a V. Ex.ª, com a solicitação de ser uma realidade: a construção do Palácio da Justiça que nos ajudaria a resolver integralmente alguns problemas locais, além da dignidade da Justiça o exigir.

Ainda e sempre, Senhor Ministro, os protestos da nossa alta consideração e do nosso reconhecimento e os votos sinceros pela longa permanência de V. Ex.ª neste Ministério para a continuidade da prática do bem e da

justiça como o provam a publicação dos mais importantes diplomas em todos os sectores deste Ministério sob a Superior inteligência de V. Ex.ª através dos quais satisfizes a comodidade dos povos e interesse das terras facilitando assim com eles a prática da justiça na medida das necessidades actuais.

Muito e muito obrigado em nome do meu concelho.

Respondendo, o ilustre titular da pasta da Justiça começou por historiar o critério que presidiu à presente reforma judiciária e à criação de algumas comarcas.

Informou ainda que a Comarca de Amares, no primeiro estudo não tinha sido incluída, mas que no estudo final foi considerada, por se tratar do julgado com mais movimento.

Falou seguidamente do momento grave que a Nação atravessa, citando especialmente o facto de não obstante o país estar a gastar cerca de 2 milhões de contos com a defesa das Províncias Ultramarinas ainda ser possível aumentar as despesas com a justiça, o que se deve à boa situação financeira criada pelo Chefe do Governo, para quem deviam ser endereçados estes agradecimentos.

Pedi que os novos serviços judiciais e os magistrados fossem instalados rapidamente pois na primeira quinzena de Junho já poderia nomear os magistrados salientando que ninguém se importasse que fossem instalados em Amares ou Feira Nova, pois o que era necessário é que fossem bem rapidamente instalados.

O sr. Presidente da Câmara prometeu áquela instalação o mais breve possível e com a dignidade que exigida para tão alto fim.

IDEIA DISPERSA

Oh, que falsidade da tua boca ouvi,
Que suspiros falsos... oh, que falsidade!
Uma vez na vida mal igual senti
Mas de ti ó ninfa nunca o presumi
Como não presumo de Deus a maldade

Quieta, muito quieta, no Ave dormias
Descalçinha e pobre num leito de oiro,
Repoisavam sonhos em ervas macias
Quando o luar vinha p'ra ele dizias
Que brincasse em volta do teu bom tesoiro.

E eu orgulho, impávido e forte
Com três mil espadas p'ra ti avançava.
Lancei para as nuvens toda a minha sorte
Resoluto andava enfrentando a morte
Entre os mil beijos que a água beijava!

De ti alcançando ao fim juras
Vivas como as águas do meu Ave amado;
Eu ingenuamente vi que eram puras
Como aquelas preces que em vão murmuras
Entre a atmosfera dum lugar sagrado

Agora...

Ao longe vivo a sorte amaldiçoando
E pedindo aos anjos por ti santamente.
Que entre a prece que hora a hora estou orando
Sejas feliz sem limites, e amando
Me renegues cá na vida eternamente!

Cicero Dias



**COMPANHIA DE
SEGUROS 'DOURO,**

**SEGUROS EM
TODOS OS RAMOS**

FUNDADA EM 1835
Há mais dum século, na "DOURO" está a segurança

AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES

Visado pela C. de Censura

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

S. Paio de Seramil

antiga torre esboroadá sobre a considerável elevação. Mas não. Nunca o foi. É um desses raríssimos moínhos tangidos a gado, forte construção de alvenaria com um espaçoso pavimento térreo em que uma roda dentada e de granito de acção engrenava num carreto que fazia rodopiar muitas vezes sobre si a mó da azenha assente no andar superior. Invenção árabe, pelo nome e pelo engenho, é um maquinismo já pouco vulgar, desde que os moínhos dos ribeiros lhe tomaram a dianteira.

Houve outra em Seramil, que foi dos antepassados de quem escreve estas recordações, mas o desuso fê-la transformar em casa de habitação. Chamam-lhe ainda, e só por tradição, a *atafona*.

É fácil de deduzir a origem dos nomes dos restantes lugares — do *Assento* por ser o da Igreja; de *Real* porque era do Rei, *regal* ou *regalengo*; *Bacelo* de vinha ou pomar plantados de novo, isto sem descer ao pormenor de tantos outros nomes da propriedade e subpropriedade, que todos tiveram a mesma causa e origem, obtida pela melhor e mais significativa forma da sua identificação.

Voltando a *Outeiro de Vila*, verifica-se que há nesta designação toponímica seu quê de profunda filosofia que acompanhou o baptismo de todos os lugares. É que a par deste *Outeiro* há outro, que a esse recuado tempo não era nem hoje é, coroado de *vila* ou casa de campo. Nele se descobre de longe o cruzeiro paroquial, há alguns anos para aí transplantado pelo falecido abade Martins, pois encontrava-se no terreiro fronteiro à igreja, próximo do portal da residência. Daqui pode concluir-se quão antiga é a *villa* ou casa de campo do *Outeiro* do seu nome, assim chamado quando o latim popular era ainda a linguagem corrente.

Repare-se noutro caso paralelo e próximo: — Na limitação desta freguesia com Santa Marta de Bouro, ou perto dela, a nascente; com a de Vilela, a poente, há na transposição de dois ribeiros, primeiro o de Rompesinhas, e segundo o de Real, dois pontos de referência designados de *Porto*, quer dizer *entrada*, como efectivamente o são para Seramil, e conservam invariavelmente esse nome, se bem que as populações sucessivas perderam a ideia da sua verdadeira significação — *entrada*.

Mas, mais acima do *Porto* de Rompesinhas, e junto ao ribeiro que desce do monte de Santa Marta, existe a hoje subpropriedade que serve de ponto de referência na confrontação do Tombo atrás transcrito — *Porto do gato*, hoje abreviado em *Portogato*. Pode-se igualmente avaliar da antiguidade incorruptível desta expressão toponímica, considerando-se que ela significa *entrada* ou *passagem do gado*. Aquele *t* de *gato* nunca abrandou em *d* como geralmente aconteceu em tantos casos, e prevalece, sabendo-se perfeitamente que foi passagem do *gado* e não do *gato*.

Confrontem-se agora, ao fundo do *Marro* (*marrano*, maldito, excomungado de subir) os termos *Cavadusso*, *Fojo da Devesa*, *Penedos da Raposa* no caminho de Charil, e note-se como se ajustam tão acertadamente ao sítio. Os declives das diversas vertentes precipitam-se num fojo natural, profundo — o fojo da Devesa, onde vegetaria outrora densa espessura silvestre povoada de animais bravos, de que faria parte o próprio urso ou *usso* e daí se chamou o lugar nesse fundo situado — *cova* ou *cava de usso*.

Dessa fauna desaparecida, à medida que se foi desbravando a terra, nunca sofreu completo extermínio a raposa, facilmente encovilhada nas conhecidas tocas dos penedos do seu nome através de múltiplas gerações. E, trepando daí, muito bem disfarçadas em sua pelagem com as cebras louras do centeio amadurecido pelas veigas, faziam e talvez façam ainda as suas devastadoras razias pelas capoeiras dos próximos povoados, surpreendendo fora delas os bandos das galinhas, atacando-as em seus próprios poleiros.

O mesmo poderia dizer-se do sentido, um tanto já desvanecido, dos *Pousadouros* de Chãos na extrema com Vilela, à medida que o ser humano vai deixando de ser animal de carga. Faziam-se outrora, muito mais que hoje, os transportes sobre dorso pessoal. No percurso dos caminhos e das estradas, da mesma forma que as paragens certas dos antigos almocreves, nas grandes distâncias, algumas das quais ficaram marcadas como posição e fundamento de importantes povoações, essas pessoas estabeleceram rotina onde de estação em estação haviam de aliviar a carga — *pousadouros*.

No trânsito do monte, de Seramil para Ogial, há ou-

(Continua no próximo número)

2.ª Publicação
TRIBUNA LIVRE 19-5-1962



TRIBUNAL JUDICIAL DE ARCOS DE VALDEVEZ ANÚNCIO

Pelo Juízo de Direito da comarca de Arcos de Valdevez correm éditos de trinta dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando a ré, ora evectuada, Maria Teresa Pereira de Araújo, solteira, amancipada, residente em parte incerta e com o último domicílio conhecido em Entre Pontes, da freguesia de Lago, da comarca de Amares, para no prazo de cinco dias, posterior ao dos éditos, pagar, nomear bens á penhora ou deduzir oposição á execução sumária de sentença, que nos autos de acção sumária lhe movem e a outros, os autores, ora exequentes, António José Cerqueira, José Joaquim Loureiro, António José Fernandes e José Maria de Amorim, casados, agricultores, da freguesia de Paçõ, desta comarca, sob pena de tal direito de nomeação de bens á penhora se devolver a estes exequentes, que pedem que lhes seja paga a quantia de dose mil e quinhentos escudos.

Arcos de Valdevez, 27 de Abril de 1962

O Juiz de Direito

Julio Carlos Gomes dos Santos

O Escrivão de Direito

José Candido Gomes

O DEVER DA RESPOSTA

(Continuação da 1.ª página)

tolera e exige até o respeito que se deve a todos os seres humanos sem distinção.

Até os próprios pecadores têm de ser amparados e salvar almas é das mais belas atitudes de heroísmo e de nobreza, pois o salvador opera quase sempre contra os seus próprios interesses pessoais já que é por demais sabido que o dia do favor é a véspera da ingratitude. Depois... depois... quem sabe se aquela mão que não quisemos apertar não será talvez aquela que se há-de estender para nós, na hora triste do naufrágio, do incêndio, do acidente, da doença, da desgraça, enfim!

Depois... é tão fácil ser gentil e responder a todos os que se nos dirigem!...

TRIBUNA LIVRE

é distribuída em Braga
no Quiosque Central
Largo do Barão de São
Martinho

XV

A INDIA PORTUGUESA

por Porfirio de Sousa

Continuação do número anterior

A esquadra portuguesa navegava a todo o pano, pois D. Francisco de Almeida tinha pressa de se vingar dos autores da morte do filho, cuja imagem não se lhe apagava do pensamento e do coração.

O Vice-Rei fez uma pratriótica exortação a todos os seus homens, dizendo-lhes que aquela expedição tinha três objectivos a conseguir: a exaltação da Religião Cristã, o serviço de El-Rei e a vingança da morte de seu filho D. Lourenço.

A vingança, a terrível vingança, tinha origem no azedo ódio que votava aos matadores de D. Lourenço de Almeida.

E finalizou a sua exortação, afirmando que vencendo essa batalha, venceriam a Índia.

Os capitães e todos os homens de armas ouviram com a maior atenção e respeito as palavras do seu Vice-Rei e no fim juraram que cada um cumpriria o seu dever de português e patriota e que iriam para essa batalha com a decisão com que lutaram em Dabul.

A esquadra entrou no porto de Diu e no dia imediato, logo de manhã, D. Francisco de Almeida, mandou dar o sinal do ataque, rompendo à frente a nau de Nuno Vaz que levava 200 homens de guarnição.

Meliquiaz, mais consciente do perigo que representava a armada do Vice-Rei nas águas do Porto de Diu, ordenou que toda a artilharia da cidade abrisse fogo contra os navios portugueses que se iam empenhar na mais dura e renhida luta para vingar a morte de D. Lourenço de Almeida.

A esquadra portuguesa seguiu na esteira da Nau de Nuno Vaz, conforme instruções expressas do seu comandante em chefe.

As duas armadas estavam em frente uma da outra e o duelo das respectivas artilharias atroavam os ares e enevolvavam a atmosfera com o seu espesso fumo.

A artilharia inimiga procurava defender o porto e a cidade de Diu e a artilharia Portuguesa esforçava-se por uma retumbante vingança sobre os matadores do jovem guerreiro D. Lourenço de Almeida.

Dos navios portugueses saiam labaredas de fogo de cada disparo dos seus canhões e cujos projecteis atingiam o alvo em cheio.

Aquela cena apocalíptica não era precisamente uma batalha naval, mas uma terrível carnificina, cujo sangue, em torrentes, ensanguentava às águas do porto.

Os portugueses combatiam com tal ardor e denodo que

pareciam acometidos de loucura colectiva.

No fragor da titânica luta que se travava, tripulantes e passageiros foram-se aproximando cada vez mais uns dos outros, permitindo às respectivas tripulações saltarem para os barcos adversários e a carnificina redobrou de fúria, combatendo-se corpo a corpo, à espada, à Dança, ao cutelo, à faca...

D. Francisco de Almeida ficara na sua nau à entrada da barra para obstar que os navios inimigos recebessem mais reforços do exterior ou tentassem fugir para o alto mar.

O inimigo fez todos os esforços para que o Vice-Rei abandonasse aquele ponto estratégico para terem desimpedida aquela via, quer para receber auxílio, quer para sair do teatro das operações, que mais parecia — e era — o teatro da morte.

Uma poderosa nau inimiga aproximou-se da de D. Francisco de Almeida e a artilharia meteu-a imediatamente no fundo.

O risco de Mirocem feneceu-lhe nos lábios, pois nunca tinha visto na sua longa vida do mar tão hábeis e fortes batalhadores como os portugueses.

Esse capitão egípcio, bastante a seu pesar, convenceu-se de que cada português valia por três dos seus melhores homens e, assim, os 2.200 guerreiros do Vice-Rei correspondiam, sem favor, a 6.600 homens, rumes turcos e mouros.

Os barcos do Sultão de Calicut manobraram no firme propósito de cercarem os nossos, pois, por serem mais pequenos, dispunham de maior mobilidade, mas a nau de D. Francisco de Almeida, que aparecia em toda a parte nos momentos críticos, atacou o inimigo com coragem e valentia, fazendo um verdadeiro destroço à sua volta.

A nau chefe todas as vezes que entrava em acção — entrava em acção constantemente — dava a nítida impressão de que estava envolta num mar de fogo, tão rápida e certamente disparava os seus fortes canhões.

D. Francisco de Almeida, que pessoalmente dirigia aquela carnificina, parecia que tinha remoçado alguns anos, pois a sua agilidade e acção combativa não tinham termo de comparação com os homens da sua idade.

(Continua no próximo número)

Auxiliai os Bombeiros
V. de Amares

«O BOM PASTOR»

AQUI CANIÇADA

10 DE JUNHO DE 1962

(Continuação da 1.ª página)

orvalhos sobre os prados que reverdecem e nos dão o pão, o queijo, o mel, como se Deus mesmo os colocasse em nossas mãos. Ah! «Pai Nosso» que estais no Céu. Vós vivereis sempre. Os homens jamais poderão fazer-vos morrer, como fizeram a meus pobres filhos!

E, falando assim, os olhos de Aimé Martin encheram-se de lágrimas. Percebi, diz Aimé Martin, que murmurava baixinho algumas palavras, como se continuasse a sua oração:

— Meu, pobre Beltrão, repetiu após um momento de silêncio; Era o mais moço, e morreu em Vartelô, gritando: *Viva o imperador!*

Ah! se ele tivesse gritado antes: *«Viva o Nosso Pai que está no Céu»*, seria possível que vivesse ainda. E a minha pobre mulher, que se lhe foi juntar, eu não a teria perdido. Mas seja feita a vontade de nosso Pai, acrescentou, enxugando as lágrimas.

— Vive muito só no fundo do vale, insistiu o escritor.

— Alto lá, replicou o velho. Não posso abandonar a casa onde vi nascer meus filhos, e morrer sua mãe. Demais, como diz o nosso cura, todo aquele que pode falar de Deus, nunca está só.

Aqui tem este dinheiro, disse o Aimé Martin. Reze por mim, por mim sujeito a muito menores probações, e que não ousei chamar-me tão feliz.

— Será caso que eu reze por dinheiro? — disse o velho, com emoção, e com mão trémula afastou a oferta que se lhe fazia.

Aimé Martin sentiu que tinha mógado os nobres

sentimentos do pobre velho. E, tomando-lhe as mãos piedosas, beijou-as com respeito e despediu-se, tocado de profunda comoção. Afastando-se, ouvia que lhe dizia:

— Sois um homem generoso. Eu pedirei a Deus por vós, e por vossos filhinhos, se os tendes, que ainda não saibam rezar!

Aimé Martin reconheceu aqui que se encontrara em situação idêntica à de um célebre astrónomo, que uma noite, ao sair do seu observatório, viu-se rodeado de uma turbamulta que de repente encher a praça pública.

Averiguando das causas de tamanho ajuntamento, apontaram-lhe na constelação do Signo uma estrela brilhante, que ele astrónomo, nem com o auxílio das lunetas que Galileu inventa, tinha conseguido descobrir:

Um simples camponês acabava de lhe mostrar a Estrela, de primeira grandeza, que inutilmente procurava descobrir, havia tantos anos. São estes diz ia ele os asares que humilham os sábios e a quantos servem a Ciência.

Sim. Eu tinha-me enganado diz anima Aimé Martin. Não é a indústria, nem a ciência, nem as máquinas, nem os livros, nem as fortunas, que podem fazer a felicidade dos homens. Decerto, todas estas coisas são necessárias e úteis em seu devido lugar; e o cuidado dos legisladores deve ser de as propagar e multiplicar. Mas, se contentes de terem desenvolvido a inteligência, se esquecem de atender às aspirações da alma, esta essência dividida da humanidade, em lugar de um povo feliz, não se verá mais que uma multi-

dão inquieta, nas suas paixões sem freio; cujo instinto sublime se transforma em suplício.

Esse instinto está inclinado para a terra e prende-se no meio de prazeres e riquezas, que se lhe sobrepõem. ?Porque não se lhe abrem as estradas do Céu?

Se a alma fosse reconhecida, guiada para o verdadeiro fim de justos desejos e ambições que a cercam, teria diante de si a clareira por onde se descobre que tudo o que calma o coração, e engrandece a humanidade, vem do Alto.

O povo mais instruído, observa Aimé Martin, se não for o mais religioso, jamais será um grande povo.

Estas verdades tornaram-se o assunto das suas meditações; de uma obra que consagrou às «Mães de Família» e foi coroada pela Academia francesa.

Com efeito, só as mães, que são as mais torturadas pelos deslises de seus filhos, podem e sabem, se quiserem, chamar a atenção do Céu sobre eles.

Quando Jesus Cristo disse que era o «Bom Pastor», quis ao mesmo tempo reforçar o sentido de uma outra fórmula da Sua linguagem — *Nem só de pão vive o homem*. ?E o que vai por esse mundo de multidões famintas *da palavra de Deus!*

Se, ao lado de uma formação meramente científica, se não colocar o esteio seguro de uma cuidada educação moral e religiosa, o orgulho de um falso saber perderá o homem, que arrastará outros à perdição, como os anjos maus, embora fossem cheios de luz.

Esta data é um título, um título que pouco explica a quem a lêr, mas muito imperece quem o viver.

Quem visitar Caniçada precisamente nesse dia, confirmará concerteza o sentido das minhas presentes linhas; terá oportunidade de ver que a antiga Ribeira de Suaz, hoje mais conhecida por Caniçada; não deixou apagar nos corações do seu povo, a fé á Virgem de Fátima, e que de tantas festas que em tempos ali se realizaram que surgidas dificuldades fizeram sessão pouco e pouco, aquela, vencendo os maiores sacrifícios e rompendo todas as barreiras expostas no decorrer dos tempos, conseguiram mantê-la, e estamos plenamente convencidos que nunca fraquejará; passando de geração a geração, no decorrer dos séculos, no Domingo do Divino Espírito Santo, a Nossa Senhora do Rosário de Fátima terá em Caniçada a sua justíssima homenagem.

Este ano, entregue como sempre a pessoas de elevada competência, temos a certeza

As orações gravadas na retina da alma das crianças, desde o berço e ao colo das mães, têm uma projecção sublime na vida adulta e experimentada, e produzem frutos de salvação.

E preciso que os pais, os educadores, os reformadores, encaminhem e guiem para o seguro redil da Igreja a Mocidade, para que haja cada vez menos almas desgarradas do rebanho do Bom Pastor.

anticipada que não decairá o seu brilho; só o pode duvidar quem não conhecer de perto os homens que constituem a sua mesa, mas quem os não conhece?

Talvez ninguém. Quem não conhece o Sr. António Mendes actual Regedor da freguesia, a quem coube a honra de ser Juiz da festividade?

Quem não conhece o Secretário Sr. Abílio de Vasconcelos, Chefe de Recepção do Hotel Universal do Gerês?

Quem não conhece o Sr. Francisco Matias Pereira, igualmente Chefe de Recepção do Grande Hotel do Parque?

Todos os conhecem concerteza, são três valorosos esteios que juntamente com outros, apresentarão uma organização digna deles e do louvor geral; No entanto é bom lembrar que para isso é preciso que todos cumpram o dever de verdadeiros Caniçadenses, para que de Ano para ano a nossa única festa, atinja o mérito desejado.

Na quinta-feira de Assunção, a Bandeirinha Azul-Branca subirá como sempre ao cimo do torreão, não é concerteza a mesma que colocaram há 100 anos os nossos avós; mas as suas cores são precisamente as mesmas e o seu significado igual; respeitamos pois a fé dos nossos antepassados, e não contribuíamos para que ela um dia, deixe de ser agitada pelo vento, na simbólica cruz da nossa Igreja Paroquial.

A nossa mãe de céu está a ver os nossos sacrifícios, e recompensá-los-á.

José Silva

Nobiliarquia Regional

às vezes bandidos para não alongar os nomes dos indivíduos com tantos apelidos de fidalguia que se iam acumulando, e que até parece, pela respectiva resenha biográfica, que o seu titular mal poderia com eles. Quer dizer, mal podiam escolher entre tantos títulos de nobreza, adquiridos à custa de repetidos enlasses, e numa degenerescência constante do sangue.

Há que contar, portanto, ainda na Ribeira de Homem; os *Peireiras de Azevedo*, de Caldelas, procedentes da Casa do Condado de Vila — Chã, assim:

Gaspar Borges Pereira, filho de António Borges Pereira, que viveu em Barcelos por 1617, e de sua mulher D. Maria de Azevedo, de Vila do Conde; casou na quinta do Condado com D. Teodósia Correia de Lacerda, ficando vários filhos:

Este —

António Borges, casou na quinta do Condado, em Vila do Conde, com D. Marta de Faria Santiago. (Tratar-se-á, mais adiante, dos chamados *Borges de Ansele*).

De quatro filhos, este:

Afonso Manuel Pereira de Azevedo, casou na freg.ª de Caldelas com D. Josefa Vivas de Faria. Foi aqui o último morgado da Casa da Boa-Vista. Grande benfeitor da Estância Termal, onde existe uma avenida do seu nome. (Ver notícia própria, na hist.ª local, da autoria do senhor abade Martins de Freitas).

Tiveram:

João Manuel Pereira de Azevedo, que foi snr. da Casa do Condado em S. Pedro de Esqueiros, do antigo concelho de Vila-Chã, actualmente de Vila-Verde.

Casou em Amares (Ferreiros), na Casa da Corredoura, com D. Teresa de Amorim Calheiros.

Obs. — Com respeito à passagem, por estes montes de Entre-Homem e Cávado, do mais remoto progenitor dos Azevedos (D. Ar-

naldo de Baião) é ainda, curiosa de acentuar, a devoção de *José Alves de Azevedo*, sargento-mór na comarca das Minas do rio das Mortes, etc., que fez de uma modesta ermida dos montes de Paranhos a formosa capela estilizada de Santo Ovídio, sobre Caldelas. Ver notícia referida).

Nobiliarquia Regional * * *

Passa-se a assinalar vestígios dos *Azevedos*, da banda do Cávado, nas quintas de *S. Veríssimo* (Figueiredo) na de *Toural e Salvadores* (Goães).

Assim:

Tristão de Araujo de Azevedo, além de seus muitos, teve de s/ mulher a *Diogo Salgado de Araujo*, que casou na Galiza, mas, por crimes que aí cometeu, regressou a Portugal.

Gonçalo Dias de Araujo foi Snr. da quinta do Toural, em Goães. Casou em Lisboa com Francisca Dias Pestana, filha de Fernão Lobo.

Ana de Araujo Medeiros, casou com Gonçalo Fernandes, filho bastardo de *Fernão Anes* abade (possivelmente leigo) de S. Paio de Seramil e de Penasçais. Assim o confirma o Tombo de Seramil, a cujas delimitações se procedeu em 1533, como pode concluir-se da sua recente publicação. Compreende-se que não era sacerdote, mas simples beneficiado das rendas das suas igrejas, que não poderia pastorear a considerável distância.

Este «honrado» Fernão Anes, como diz o Tombo, era snr. da quinta de Moure, em Lanhoso.

Sebastião de Araujo Medeiros, sucedeu na casa, casou com D. Isabel da Fonseca e Sousa, filha de Manuel de Sousa de Azevedo e de s/ mulher Marta da Fonseca.

Maria de Araujo de Azevedo, viveu na quinta do Salvadoiro (Salvadores) em Goães; casou com Baltasar Pimenta de Brito, fidalgo da C.R., superintendente das Candelarias da comarca de Viana, o qual era filho de Manuel Borges Quinteiro, fid. da C.R. e de sua m.ªr Catarina Pimenta.

(CONTINUA)